

FILHOS DA ÁFRICA: O SENTIMENTO DE PERTENCIMENTO E O DISCURSO DA RAÇA NEGRA NO BRASIL NAS DÉCADAS DE 1960 E 1980

SONS OF AFRICA: THE FEELING OF BELONGING AND THE SPEECH OF THE BLACK RACE IN BRAZIL IN THE DECADES OF 1960 AND 1980

JONAS DOS SANTOS NUNES*
BRUNO EDUARDO DE LIMA SOUZA*

Resumo: O presente artigo situa-se no estudo das problemáticas raciais. A pesquisa analisa o processo de diáspora dos povos negros africanos no Brasil, nas décadas de 1960 e 1980, ao passo que aborda a repercussão do processo diásporico no cotidiano da população negra, e o forjamento do sentimento de pertencimento a uma “mãe África” por parte dos mesmos. O principal objetivo deste trabalho é investigar a importância do discurso da raça para os grupos de afirmação de uma identidade negra, e a partir disso, poder compreender como se dá a ação desse discurso e seus meios de propagação, motivando uma série de movimentos de resistência e busca por igualdade levadas a cabo por uma série de movimentos negros pelo mundo e especificamente no Brasil, campo de estudo desta pesquisa. O estudo aponta como a percepção de identidade com o local de origem se manteve, mesmo pós a saída destes povos de seus lugares de origem, além disso, revela como foi possível buscar meios de se manter próximo dos costumes de origem, se adaptando aos presentes nos locais de destino.

Palavras-chave: Raça; Diáspora; Pertencimento

Abstract: This article focuses on the study of race issues. The research analyzes the diaspora process of African black peoples in Brazil in the 1960s and 1980s, while it addresses the repercussion of the diasporic process on the daily lives of the black population, and the forging of the feeling of belonging to an "African mother" by part of them. The main objective of this work is to investigate the importance of race discourse for groups of affirmation of a black identity, and from this, to be able to understand how the action of this discourse and its means of propagation take place, motivating a series of resistance movements and search for equality carried out by a series of black movements around the world and specifically in Brazil, field of study of this research. The study points out how the

Artigo recebido em 26 de março de 2018 e aprovado para publicação em 13 de maio de 2018.

*Graduado em Licenciatura Plena em História pela Universidade Estadual do Piauí-UESPI.

*Graduado em Licenciatura Plena em História pela Universidade Estadual do Piauí-UESPI.

perception of identity with the place of origin has remained, even after the departure of these people from their places of origin, in addition, it reveals how it was possible to seek ways to keep close to the customs of origin, adapting to the present destination locations.

Keywords: Race; Diáspora; Belonging

Introdução

O tráfico humano de povos negros para a América – mais especificamente para a colônia portuguesa no Brasil, onde se manteve durante parte considerável do período imperial – se caracterizou como base da economia do império português por quase três séculos, período em que se lucrava com o tráfico e com o uso dessas pessoas como mão de obra escrava. O processo de degradação desses indivíduos estava presente desde sua captura no continente africano, estendendo-se ao transporte dos mesmos – grande responsável por ceifar a vida dessas pessoas, pois, amontoadas em navios, passavam dias com fome, em condições insalubres, a mercê de doenças como cólera e escorbuto, muito recorrentes entre os negros traficados. Os desafortunados que conseguiam transpor essa dura viagem não tinham um futuro melhor em terras “brasileiras”.

Aos olhos dos traficantes de escravos e dos colonizadores – que negociavam esses indivíduos em terras brasileiras – os cativos africanos eram simples mercadorias, responsáveis por manter as lavouras e os demais empreendimentos, encabeçados pelos colonos. Aos escravizados que ofereciam resistência ou se negavam a exercer o trabalho nas lavouras ou engenhos, era reservada uma penosa rotina de castigos, que mutilava seus corpos e domesticava suas mentes.

Os números não são precisos, mas estima-se que, entre o século XVI e meados do século XIX, mais de 11 milhões de homens, mulheres e crianças africanos foram transportados para as Américas. Esse número não inclui os que não conseguiram sobreviver ao processo violento de captura na África e aos rigores da grande travessia atlântica. A maioria dos cativos, cerca de 4 milhões, desembarcou em portos do Brasil. Por isso nenhuma outra região americana esteve tão ligada ao continente africano por meio do tráfico como o Brasil. O dramático deslocamento forçado, por mais de três séculos, uniu para sempre o Brasil à África.¹

A escravidão dos povos negros no Brasil não pode ser comparada a nenhuma outra forma de escravidão ao longo da história. No Brasil – bem como em toda a América –, não se buscava tornar cativo apenas o corpo; para além disso, o ideal do escravocrata brasileiro era pôr grilhões nas mentes dos escravizados e, assim, tornar cativo seu corpo e sua “alma”. Esse

¹ ALBUQUERQUE, Wlamyra R. de. *Uma história do negro no Brasil*. Salvador/Brasília: Centro de Estudos Afro-Orientais/Fundação Cultural Palmares, 2006, p.39.

processo de “aprisionamento da alma” passava pela tentativa de anulação das culturas – proibindo suas práticas culturais, o que acabou ocasionando a perda e/ou transformação das mesmas – e religiões dos diversos povos negros escravizados, bem como impor aos mesmos o signo da inferioridade.

Mitos religiosos e científicos foram utilizados para justificar essa divisão. Teólogos afirmavam que os africanos descendiam de Cam, filho de Noé amaldiçoado por seu pai, que disse que seus filhos seriam escravos. Biólogos afirmaram que os negros eram menos inteligentes que os brancos e que tinham senso moral menos desenvolvido. [...] Esses mitos repercutiram na cultura americana, e na cultura ocidental de modo geral. Continuaram exercendo influência bem depois que as condições que criaram a escravidão haviam desaparecido. [...] Mas mesmo que os escravos tenham sido libertados, os mitos racistas que justificaram a escravidão persistiram. A separação das raças foi mantida por legislação e normas sociais.²

Com o avançar dos séculos, a escravidão foi perdendo forças e paulatinamente sendo extinta das terras brasileiras por meio das leis abolicionistas, que tiveram início com a Lei Euzébio de Queiroz, alcançando seu fim apenas com a Lei Áurea, de 1888. Contudo, a estrutura mental que acreditava na inferioridade dos povos negros e que foi construída ao longo dos séculos de escravidão não foi desfeita com uma simples “canetada”.

A ideologia de condenação dos negros se manteve, podendo ser identificada pela figura do racismo, crença que acabou por construir um ambiente hostil aos negros no Brasil – bem como em todos os países de passado escravista – pós-escravista. Sendo assim, o que se teve foi uma crescente negação para a inserção de negros no mercado de trabalho, ou da possibilidade de, quando empregados, galgarem melhores cargos. No âmbito da cultura, as poucas práticas que resistiram ao processo de anulação das culturas africanas passaram a ser desqualificadas, o mesmo acontecendo com a religião, que, equivocadamente inserida dentro de uma moral cristã, ganhou conotação negativa, tendo seus deuses e cultos definidos como malignos e profanos.

As práticas racistas surgem como mais uma forma de se negar ao negro sua introdução na sociedade. Como resposta a isso, o que se tem é o crescimento de movimentos negros voltados para o combate ao racismo e em busca de igualdade entre negros e brancos, pautando grande parte dos seus discursos na questão da “raça”, valorizando sua origem africana, a cultura, religiosidades, bem como outros componentes da chamada “mãe África”, o continente africano – ou a ideia que se tem dele – surge como componente primordial dessa

² HARARI, Yuval Noah. *Sapiens – uma breve história da humanidade*. 11ª ed. Porto Alegre: L&PM, 2006, p.148.

afirmação da raça. A necessidade de afirmação da raça e da união dos negros por uma mesma demanda ganha força nas teorias de cientistas sociais como Du Bois, que define raça como:

É uma vasta família de seres humanos, em geral de sangue e línguas comuns, sempre com uma história, tradição e impulsos comuns, que lutam juntos, voluntária e involuntariamente, pela realização de alguns ideais de vida, mais ou menos vividamente concebidos.³

A raça, enquanto produto de uma formação sócio-histórica, passa por um processo de construção. Desse modo, ambiciona-se promover a consciência de pertencimento entre esses indivíduos para que assim, juntos, tenham por mesmo impulso ou ideal de vida a formação de uma sociedade que apresente condições iguais de tratamento para todas as raças. Essa identificação enquanto parte de uma raça também envolve o que Kwame Anthony Appiah chama de insígnia do insulto⁴, o reconhecimento das suas fragilidades e limitações dentro da sociedade pelas experiências vividas por seus “semelhantes” seria capaz de forjar no indivíduo o sentimento de pertencimento a um grupo, e incentivar a luta pela raça.

A busca por uma identidade, ou a fuga dela, gera debates na contemporaneidade, segundo Hall (2003), o processo de retirada dos negros para as Américas engendrou uma consequente hibridização dos indivíduos e das identidades. Contudo, o pensamento diaspórico levou certos grupos negros a forjarem um sentimento de pertencimento a um lugar de origem e a nutrir um interesse pelo retorno à terra mãe. Isso pode ser verificado no caso dos grupos negros de origem africana no Brasil, formados por indivíduos que estão presentes em terras brasileiras desde a colonização, foram agentes na construção dessa sociedade, mas estão constantemente sendo postos à margem dela. Retirados de suas comunidades, impossibilitados de exercer seus costumes e crenças, muitos dos descendentes dos povos africanos que foram traficados para o Brasil passaram a se sentir desligados dessa sociedade, o que, motivado pela identificação com os costumes e a cultura da mãe África, acabou alimentando ainda mais o desejo de retorno.

A problemática da raça e a organização dos grupos negros pelo retorno à mãe África

A religião é um dos maiores exemplos do processo de aculturação que ocorreu com os povos africanos que chegaram ao Brasil durante o tráfico de negros escravizados, posto que as religiões de matrizes africanas sempre tiveram suas práticas negadas, como

³ APPIAH, Kwame Anthony. *Na casa de meu pai: A África na Filosofia da Cultura*. Fernando Rosa Ribeiro (Trad.). Rio de Janeiro: Contraponto, 1997, p.54.

⁴ A insígnia do insulto preconiza que, à medida que o indivíduo se reconhece como semelhante do outro, passa a se pôr no lugar dele; desse modo, uma pessoa negra, ao se deparar com uma situação de racismo sofrido por outro, passa a refletir sobre o acontecido, imaginando que o mesmo poderia acontecer consigo.

citado anteriormente. O cristianismo imperioso não aceitava o culto a tais religiões, que, a partir de sua leitura, eram vistas como satânicas, dentre outras denominações negativas, de modo que era necessária a conversão à única religião praticável, a católica.

Até as primeiras décadas do século XIX, em Portugal e nas colônias portuguesas, o termo raça estava associado à religião e a descendência era o chamado “estatuto da pureza de sangue”. Essa concepção da ordem social estruturou as relações entre os portugueses e os povos da África e das Américas. Segundo a lógica do antigo regime português, quem não professasse ou fosse recém-convertida à fé católica era considerado descendente de “raça infecta”, gente de “sangue impuro”.⁵

Sendo assim, a questão que logo nos vem à mente refere ao modo como professar uma fé e seus cultos enquanto indivíduos cativos e subordinados a uma elite branca que lhes cerceava os direitos sobre seus corpos e mentes, não havendo liberdade em nenhum sentido. Esse possivelmente foi um questionamento recorrente para os que sofriam com a escravidão. E uma resposta veio por meio da prática do chamado sincretismo, uma alternativa encontrada pelos cativos para que exercessem sua religião de maneira aliada ao que era aceito. Nesse sentido, percebe-se a apropriação de algumas imagens dos santos católicos pelos negros, no sentido de manterem o culto a entidades dos povos africanos através imagens dos santos católicos, assim como as festas de culto a esses santos.

Os africanos cativos necessitavam da manutenção desses cultos e de suas culturas, era algo próprio de sua terra e conseqüentemente remetia à sua origem. Atualmente ainda é muito forte esse canto à mãe África – mesmo estando a quilômetros de distância e divididos pela imensidão de um oceano, mas não somente na questão territorial, como também política e ideológica –, soando forte nos corações dos indivíduos que se apropriaram do discurso de amor e pertencimento à “raça negra”.

Essa distância se encurtara com a expansão da comunicação a partir das novas formas de disseminação da cultura e dos discursos. As décadas de 1960 e 1970 foram um período de ressignificações e apropriações por parte da população negra no Brasil, principalmente para os jovens, durante o qual a música foi imprescindível nesse processo de afirmação, posto que o que era produzido por artistas negros em outras partes do mundo passou a ser difundido também no Brasil, a exemplo do *soul music* e *jazz* estadunidenses e do reggae, movimento típico das ilhas do Caribe.⁶

Além da música, outras motivações levaram à aglutinação dos negros em torno de uma bandeira contra a opressão que recaía sobre os mesmos, expressa pelo racismo. Já na década

⁵ ALBUQUERQUE. *Op. cit.*, p.204.

⁶ *Ibidem*, p.282.

de 1940, temos a fundação de organizações como a União dos Homens de Cor (UHC), que, segundo Domingues, tinha por meta “elevar o nível econômico, e intelectual das pessoas de cor em todo o território nacional, para torná-las aptas a ingressarem na vida social e administrativa do país, em todos os setores de suas atividades”⁷. Esse movimento avançou com muita força e independências até a década de 1960, por meio de dissidências, como ocorreu em Santa Catarina, com a criação de grupos como a União Catarinense dos Homens de Cor (UCHC), fundada em Blumenau em 1962, que, como citado, assim como a UHC buscava defender os direitos dos negros e assim obter a igualdade de tratamento entre brancos e negros, o que não se verificava na sociedade em que estavam inseridos. Esses movimentos tiveram seu ímpeto freado em 1964, com a implantação da ditadura militar, que não poupou o movimento negro da repressão.

Contudo, apesar das dificuldades enfrentadas pelo movimento negro, a difusão dos meios de comunicação proporcionou à comunidade negra no Brasil um maior acompanhamento em relação ao que acontecia pelo mundo com aqueles com quem se identificavam enquanto raça, bem como em relação aos problemas que vivenciavam, proporcionando assim uma maior empatia entre os indivíduos negros por meio de raciocínios como o da insígnia do insulto, ao qual já nos referimos, de modo que:

Os brasileiros também se informavam pelo noticiário da televisão sobre os movimentos de libertação nacional em países da África. As guerras contra o colonialismo português que levaram à independência de Angola e Moçambique em meados dos anos setenta tiveram grande repercussão no Brasil. Os afro-brasileiros perceberam que tanto nas Américas como na África os negros enfrentavam a opressão racial. Nesse sentido, também era acompanhado com grande interesse no Brasil o movimento dos negros da África do Sul contra o apartheid, uma das formas de racismo mais cruéis, barbaramente instalado no próprio continente africano. Essas lutas africanas produziram lideranças que se tornaram referências ideológicas e políticas para a militância negra brasileira, nomes como Agostinho Neto, de Angola, Nelson Mandela, da África do Sul, e Samora Machel, de Moçambique. A vitória dos movimentos liderados por eles estimulava os negros brasileiros na sua própria luta contra o racismo. Poucos militantes brasileiros, todavia, chegaram a pensar em pegar em armas como tinham feito muitos desses africanos.⁸

E não parava por aí, os anos 1970 trouxeram uma profusão de notícias ligadas às causas dos negros no mundo, como, por exemplo, a decisão da Suprema Corte americana pelo fim da segregação nas escolas⁹. Outro exemplo dessa possibilidade ofertada pela mídia

⁷ DOMINGUES, Petrônio. *Movimento negro brasileiro: alguns apontamentos históricos*. Tempo [online]. 2007, vol.12, n.23, p.108.

⁸ ALBUQUERQUE, Wlomyra R. de. *Uma história do negro no Brasil*. Salvador/Brasília: Centro de Estudos Afro-Orientais/Fundação Cultural Palmares, 2006, p.287.

⁹ Suprema Corte dos EUA acaba com segregação nas escolas. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 4 jan. 1970. Disponível em

brasileira de reconhecimento da situação vivenciada pelos negros em torno do globo foi a entrevista concedida pelo ativista líder negro Samuel J. Simmons¹⁰ para o Jornal do Brasil em janeiro de 1970, na qual discorre sobre as possibilidades de uma guerra racial nos Estados Unidos, visto a desigualdade e o racismo, além da repressão sofrida por movimentos negros, conforme o Partido dos Panteras Negras afirma:

O Governo deveria realizar uma completa investigação das recentes batidas policiais na sede do Partido dos Panteras Negras, em Chicago e Los Angeles, para refutar os rumores do gueto da ocorrência de violência policial ou para descobrir os atos de ilegais da polícia.¹¹

A arma mais utilizada pelos movimentos negros foi forjada no campo das ideias. O movimento diaspórico, apresentado por Stuart Hall, nos dá uma noção de como, a partir de um determinado momento, “a raça negra” começa a se imaginar como um grupo e buscar seus ideais e reivindicar sua identidade, sendo o movimento rastafári o principal exemplo, que, influenciado pelo sincretismo, busca “a volta para casa”. Essa volta, inspirada no Velho Testamento, através da história do povo escolhido, logo:

Mais significativa, entretanto, para os caribenhos é a versão da história no Velho Testamento. Lá encontramos o análogo, crucial para a nossa história, do “povo escolhido”, violentamente levado à escravidão no “Egito”; de seu “sofrimento” nas mãos da “Babilônia”; da liderança de Moisés, seguida pelo Grande Êxodo – “o movimento do Povo de Jah” que os livrou do cativo, e do retorno à Terra Prometida. Esta é a origem daquela grande narrativa de libertação, esperança e Redenção do Novo Mundo, repetida continuamente ao longo da escravidão – Êxodo e o *Freedom Ride*.¹²

A diáspora, o sentimento de uma volta para casa é uma constante de grupos negros que se espalharam por vários lugares do globo. Contudo, em um sentido prático ou real, parece-nos impossível a concretização dos discursos de volta para casa por inúmeros motivos, a começar pelas constantes transformações ocorridas entre as culturas dentro e fora da mãe África – se mantendo incólumes apenas no imaginário dos indivíduos que anseiam por elas –, além da idealização de cada grupo sobre como seria essa “casa”, algo que só existe em seu imaginário. Sendo assim, esses e outros motivos impossibilitam a tal “volta pra casa”, pois, como dito,

http://memoria.bn.br/DocReader/DocReaderMobile.aspx?bib=030015_09&pesq=Negros&pasta=ano+197

(Acesso em 29 de maio de 2018), p. 9.

¹⁰ Chefiou os programas de oportunidades iguais do departamento de habitação e desenvolvimento urbano durante o governo Nixon, em 1970, além de ter atuado no setor executivo da comissão de direitos civis.

¹¹ *Líder negro teme a guerra racial*. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 1 jan. 1970. Disponível em http://memoria.bn.br/DocReader/DocReaderMobile.aspx?bib=030015_09&pesq=Negros&pasta=ano+197

(Acesso em 29 de maio de 2018), p. 3.

¹² HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: UFMG, 2003, p.28.

sempre há algo no meio.¹³ Pensemos a colonização como maior exemplo disso, exemplo este que se configura como entrave maior para qualquer anseio por retorno.

Referências bibliográficas

Livros

ALBUQUERQUE, Wlamyra R. de. *Uma história do negro no Brasil*. Salvador/Brasília: Centro de Estudos Afro-Orientais/Fundação Cultural Palmares, 2006.

APPIAH, Kwame Anthony. *Na casa de meu pai: A África na Filosofia da Cultura*. Fernando Rosa Ribeiro (Trad.). Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

HARARI, Yuval Noah. *Sapiens – uma breve história da humanidade*. 11ª ed. Porto Alegre: L&PM, 2006.

Artigos de periódicos

DOMINGUES, Petrônio. *Movimento negro brasileiro: alguns apontamentos históricos*. Tempo [online]. vol.12, n.23, p.100-122. 2007.

Líder negro teme a guerra racial. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 1 jan. 1970. Disponível em

<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReaderMobile.aspx?bib=030015_09&pesq=Negros&pasta=ano+197> (Acesso em 20 de maio de 2018)

Suprema Côrte dos EUA acaba com segregação nas escolas. Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, 4 jan. 1970. Disponível em

<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReaderMobile.aspx?bib=030015_09&pesq=Negros&pasta=ano+197> (Acesso em 20 de maio de 2018).

¹³ *Ibidem*, p.27.